



**As emendas silenciosas de *O ano da morte de Ricardo Reis*,
de José Saramago: hipóteses e possibilidades**

***The Silent Amendments of José Saramago's The Year
of the Death of Ricardo Reis: Hypotheses and Possibilities***

Edgard Murano Fares Filho

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo / Brasil

edgard.murano@gmail.com

Resumo: O rascunho do romance *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), do escritor português José Saramago (1922-2010), oferece uma boa oportunidade para o estudo do método criativo do autor à luz da Crítica Textual e Genética. Por meio do levantamento, organização e interpretação das marcas de edição deixadas no documento pelo escritor – acréscimos, supressões, substituições, inversões de palavras e enunciados etc. – é possível entrar em contato com o processo editorial que deu origem à obra. De modo que, sob a forma de uma edição crítico-genética, a comparação entre os originais e a primeira edição (*editio princeps*) ajuda a estabelecer os critérios que norteiam as intervenções do autor sobre o texto, mostrando que nem todas as alterações previstas no original foram acatadas pela versão impressa.

Palavras-chave: crítica genética; filologia; crítica textual; literatura portuguesa; José Saramago.

Abstract: The drafts of the novel *The year of the death of Ricardo Reis* (1984), by the Portuguese writer José Saramago (1922-2010), offer a good opportunity to study the author's creative method in the light of Textual and Genetic Criticism. By gathering, organizing and interpreting the editing marks left on the paper by the writer – additions, suppressions,

substitutions, inversions of words and statements, and others, – it is possible to approach the editorial process that gave rise to the work. From a critical and genetic perspective, the comparison between the original texts and the final version in the first edition (*editio princeps*) helps to define the criteria that guided the interventions of the author, showing that not all changes in the original document were accepted in the printed version.

Keywords: genetic criticism; philology; textual criticism; Portuguese literature; José Saramago.

1 Introdução

As marcas autógrafas presentes no rascunho do romance *O ano da morte de Ricardo Reis*, do escritor português José Saramago, constituem um objeto de análise privilegiado para a atividade crítica, em particular a filológica, para a qual concorrem não apenas a Crítica Genética – cuja atenção repousa na gênese dos textos, *in statu nascendi* – mas também a Crítica Textual, cujo instrumental teórico é compartilhado, em parte, pela primeira disciplina, sobretudo quando se consideram as variantes de uma obra no decorrer de sua transmissão entre diferentes testemunhos.

O cotejo de um dos testemunhos originais da obra em questão – haja vista que há mais de um original, como veremos adiante – com o testemunho da edição príncipe coloca-nos diante de questões pertinentes não somente em relação à natureza do artefato genético e literário em si, com tudo aquilo que nos informa sobre o *usus scribendi* de um autor como Saramago, mas também diante de reflexões que dizem respeito à articulação das disciplinas filológicas – a Crítica Genética e a Textual – no contexto híbrido da edição crítico-genética que ora propomos. A sucessão de variantes transborda dos testemunhos originais para, em contraste com a edição príncipe, revelar oscilações de sentido para além do “canteiro de obras” do documento autógrafo, indicando, por conjectura, a presença de emendas às quais chamaremos provisoriamente de “invisíveis” ou “silenciosas”, uma vez que não há registro delas no rascunho, sendo constatáveis somente pela comparação com o impresso.

Essa dinâmica de afunilamento e de seleção das variantes rumo ao texto estabelecido do impresso nos permite conjecturar não apenas sobre o método de criação do autor, mas também sobre o processo

genético-editorial da obra, que recobre desde as primeiras variantes e anotações até a primeira edição propriamente dita, levando-nos a organizar e classificar as operações editoriais segundo campanhas de revisão e tipologias textuais recorrentes, como por exemplo inversões de adjetivos em relação a substantivos, manutenção do plural por acréscimo de “s” ao final da palavras, acréscimo de palavras na entrelinha superior, e assim por diante.

O rascunho analisado mostra-se rico em emendas autógrafas, que por sua vez revestem-se de maior interesse ainda quando confrontadas com suas respectivas lições no texto impresso, suscitando indagações e conduzindo a formulações de hipóteses que nada mais são, no terreno lacunar e movediço dos artefatos genéticos, do que um convite à investigação de indícios no mais das vezes escassos e inconclusivos. Apesar dessa “limitação objetiva” característica de espólios e documentos incompletos com os quais nos deparamos, ela deve servir “de resguardo contra qualquer especulação abstrata sobre a criação” e assegurar ao crítico “uma preciosa base dentro do real do espaço literário” (GRÉSILLON, 2007, p. 40). Em outras palavras, o que está registrado nos documentos deve servir de lastro, de ponto de partida para o geneticista, que precisa estar ciente da natureza por excelência elusiva do objeto genético.

[...] contra toda investigação da origem, resta que a transmissão mais completa é apenas a parte visível de um processo cognitivo mil vezes mais complexo e que a origem enquanto tal, o nascimento de um projeto mental, é inatingível: Quando eu me disponho agora a abordar a execução desses projetos antigos, a primeira linha que escrevo é uma linha que já se baseia em dez ou quinze anos de rascunhos mentais, de rasuras mentais. (GRÉSILLON, 2007, p. 41).

Algumas considerações sobre a natureza literária do romance *O ano da morte de Ricardo Reis*, contudo, devem ser tecidas antes de nos determos na edição das variantes propriamente dita. O enquadramento desta obra dentro da bibliografia saramaguiana, bem como de suas características e temas recorrentes, mostram que os alinhamentos temático e metodológico entre Literatura e Filologia podem ser, afinal de contas, reveladores, reforçando nossas convicções acerca da abordagem escolhida para o material.

2 Contexto

Considerada uma das obras mais complexas e consequentes de José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis* leva a termo uma mistura complexa de símbolos da cultura e da história de Portugal com elementos ficcionais especulativos, encaminhando a narrativa do romance histórico convencional para as fronteiras da Poesia e do Ensaio (BEIJO, 2009), de modo a engendrar uma releitura da obra do poeta português Fernando Pessoa a partir do heterônimo Ricardo Reis, alçado a personagem-protagonista em sua jornada de regresso a Lisboa, no auge da ditadura salazarista, após um longo exílio no Brasil.

Esse projeto saramaguiano de revisão do passado histórico e cultural de Portugal representado pela obra em questão, processado através da prosa romanesca de virtudes ensaísticas, enquadra-se no chamado “ciclo de revisão histórica” do autor, composto por obras como *Memorial do convento* (1982), *História do cerco de Lisboa* (1989) e *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), caracterizando um projeto de reinvenção – ou, podemos dizer, de “rasura” – do passado histórico, em que se busca reescrever símbolos e fatos que habitam o imaginário popular como estratégia de provocação e reflexão:

A matéria prima de grande parte dos seus romances consiste na história portuguesa, dos seus primórdios aos nossos dias. [...] Seu objetivo não é distrair o público, mas sim agir sobre ele, provocando polêmica, reflexão e revisão crítica da história portuguesa. [...] Ao recriar a história, José Saramago a reinterpreta, transfigurando-a artisticamente e produzindo uma realidade caracterizada pelos anseios e dados subjetivos do escritor. (ROANI, 2002, p. 17).

A afinidade desse projeto com a rasura não é abstrata. No contexto do ciclo histórico saramaguiano do qual *O ano da morte de Ricardo Reis* faz parte, outra obra, *História do cerco de Lisboa*, traz uma referência mais concreta ao espírito de reinvenção e de transfiguração da realidade empreendido pelo autor. Afinal, não é senão a “rasura”, termo caro ao *modus operandi* de escritores e redatores em geral, que desempenha um papel essencial em *História do cerco de Lisboa*.

O ponto fulcral do primeiro romance [*História do cerco de Lisboa*] é o “não” que a personagem resolve inserir em determinado ponto de um estudo que narra a expulsão dos mouros de Portugal: onde se lia que os invasores haviam sido derrotados com a ajuda dos cruzados, passava-se a ler que estes não haviam participado da tomada de Lisboa, em 1147. (SCHWARTZ, 2004, p. 32).

Esse projeto de revisão, que na referida obra assume sua faceta mais explicitamente editorial sob a forma de uma emenda, em *O ano da morte de Ricardo Reis* se manifesta em outro nível e sob uma abordagem mais sutil. Saramago recorre aqui a uma espécie de *palimpsesto* (outro termo caro à Filologia) para encenar o encontro entre o poeta Fernando Pessoa e seu heterônimo Ricardo Reis, trabalhando com uma hipótese em cima de outra hipótese: a primeira diz respeito à possibilidade de Ricardo Reis não ser apenas um heterônimo nascido da imaginação do poeta, mas uma pessoa de carne e osso; e a segunda hipótese relaciona-se à possibilidade de um encontro entre ambos, criador e criatura, caso tal reunião fosse possível. O termo *palimpsesto*, neste caso, não é gratuito, e guarda relação com o sentido de intertextualidade que a palavra adquiriu mais tarde no domínio da crítica literária, como derivação ou imitação de uma obra anterior. Originalmente, palimpsesto era o nome dado ao códice “em pergaminho que foi raspado para o escrever de novo” (SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p. 16). O palimpsesto era uma

[t]écnica usada sobretudo na Idade Média, quando, por causa do custo elevado do pergaminho, antigos códices contendo obras gregas ou latinas vinham raspados para obter de novo o material escriptório, onde transcrever uma obra da época. Com radiações ultravioletas é hoje possível ler as traças da obra primitiva (‘scripta inferior’). (SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p. 16).

A essa altura, em que o conceito de intertextualidade se cruza com o significado da prática medieval – objeto de estudo da Codicologia –, é possível encontrar a realização do projeto saramaguiano como revisão, emenda ou correção, como se o imaginário coletivo ou a história oficial fizesse as vezes de pergaminho cujo texto o autor raspa para sobrescrever sua versão ficcional. Sob essa ótica, é na reescrita da narrativa oficial, estabelecida, que se abre um campo de possibilidades fértil ao desenvolvimento da ficção, que se nutre da realidade e da cultura

ao especulá-las. É como se decorresse de uma impostura, do “não” como “sim”, a poética dessa fase particular da bibliografia saramaguiana.

Mais do que coincidências, esses cruzamentos/intersecções (ver Figura 1) entre as áreas de interesse das disciplinas filológicas e os temas caros ao ciclo de revisão saramaguiano apresentam-se neste caso como eixos de afinidade entre método e objeto – Filologia e Literatura –, cujas sobreposições funcionam como pontos de fuga temáticos de uma obra que se dobra sobre si mesma, produzindo um comentário tanto sobre a realidade transfigurada de que Roani fala – a *scripta inferior* do palimpsesto, por analogia – quanto sobre o próprio ato de criação literária, do qual se ocupa a Crítica Genética através dos originais de autor.

FIGURA 1 – Intersecções temáticas



Esse caráter de *revisão* da obra saramaguiana, posto desse modo, não guarda apenas um sentido amplo e genérico, de passar a limpo (significado que também está contemplado na obra) o passado, mas também uma acepção codicológica, medieval, de escrever por cima. Reside nesta última acepção, tão importante aos estudos da Crítica Textual e Genética, a importância de entender esse processo não apenas como sinônimo abstrato de intertextualidade, mas sobretudo como ímpeto editorial de intervir, corrigir e refazer de que vem se ocupando a Filologia desde os códices medievais até os documentos modernos.

3 Edição crítico-genética

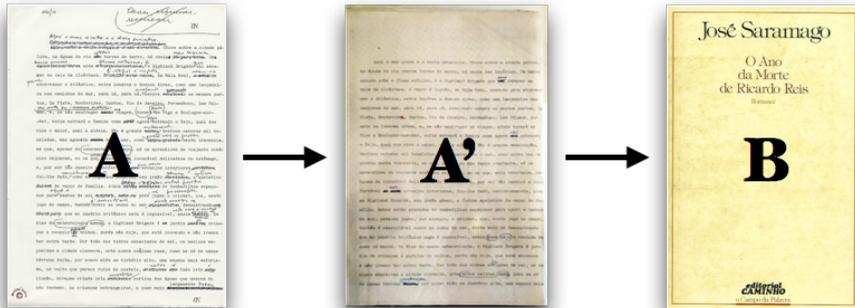
De posse dessas considerações sobre a natureza literária dos romances do ciclo de revisão histórica de José Saramago, voltemos à realidade concreta do rascunho de *O ano da morte de Ricardo Reis* e das variantes que ele apresenta. Conforme dissemos anteriormente, a existência de mais de um original a um só tempo problematiza e torna mais interessante nossa edição crítica dessa obra. É preciso dizer que esta pesquisa partiu, alguns anos atrás, do único original de que se tinha notícia do romance, doado pela Fundação José Saramago para a Biblioteca Nacional de Portugal em 2008, como parte integrante de um dossiê genético composto por materiais preparatórios (agenda, fotocópias de notícias publicadas em jornais, apontamentos etc.).

Esse original, composto de 365 páginas A4 datilografadas e com emendas autógrafas à caneta, foi digitalizado em alta resolução nos formatos .pdf e .jpeg pela BNP e disponibilizado para consulta na internet dentro da Coleção José Saramago. De lá para cá, vínhamos trabalhando com o cotejo das variantes desse original em relação ao texto estabelecido pela edição príncipe, de modo a detectar discrepâncias entre as lições do original (testemunho que doravante chamaremos de A) e as do texto impresso (B). Dessa comparação entre A e B, chegamos à conclusão de que certas variantes propostas pelo original não tinham sido acatadas por B, o que nos levou à formulação de algumas hipóteses, tais como a possibilidade de intervenção do editor ou, como em breve descobriríamos, a existência de um terceiro testemunho (um *idiógrafo* ou “segundo original”). A descoberta posterior desse documento, em posse da Fundação José Saramago, ampliou nosso horizonte crítico, confirmando nossas suspeitas sobre um outro testemunho além daquele disponibilizado pela BNP, ao passo que trouxe também novas incertezas a respeito dos testemunhos e das variantes, haja vista que a amostragem desse novo documento se apresenta limitada, diferentemente de A.

Não tendo sido integrado originalmente ao dossiê genético organizado e digitalizado pela BNP em 2008, esse testemunho (ao qual chamaremos de A') foi cedido pela FJS com exclusividade para nossa pesquisa sob a forma de um arquivo digital *apenas* da primeira página. Seja pela inexistência de outros fólhos ou pelo acesso interdito ao restante do material pelos guardiães do espólio, o testemunho A' apresenta-se num estado muito semelhante, dentro da cadeia genética,

ao de A (contando evidentemente com menos emendas do que seu predecessor), posicionando-se assim entre A e B, ou seja, numa etapa intermediária do processo, como podemos ver na figura abaixo:

FIGURA 2 – Cadeia de testemunhos “genético-editorial”



Antes, porém, de analisarmos o impacto da inclusão desse testemunho em nossa edição crítica, é importante entendermos o panorama dessa edição quando tínhamos apenas A e B em jogo. Materializa-se, dessa maneira, a evolução do nosso horizonte de pesquisa diante das vicissitudes do acesso a documentos históricos, determinadas pelas mais diversas razões que, muitas vezes, fogem ao nosso controle, o que está longe de ser incomum, infelizmente, no campo da Crítica Genética. A seguir, passemos ao paradigma das situações estabelecidas entre A e B no que toca à adoção das variantes:

- 1) Quando A não apresenta variantes em relação a B;
- 2) Quando A apresenta variantes e B as acompanha, incorporando de A apenas as variantes previstas;
- 3) Quando A apresenta variantes mas B não as acompanha, seja porque
 - 3.1. não adota a última variante da cronologia, atendo-se a uma das anteriores na sucessão registrada pelo manuscrito;
 - 3.2. incorpora uma variante que não estava prevista em A.

Essas situações, que levam em conta A e B apenas, podem ser ilustradas pelos seguintes exemplos¹:

QUADRO 1 – Situações para as variantes: testemunhos B x A

Situação 2 (variantes de A acatadas por B)	
A	B
as águas do rio vêm [↑]correm[↑] turvas de barro	as águas do rio correm turvas de barro
Situação 3.1 (B não adota a última variante da cronologia, atendo-se a uma das anteriores)	
A	B
nos [↑]em seus[↑] arranjos interiores	nos arranjos interiores
Situação 3.2 (B não acompanha A por incorporar inovações não previstas em A)	
A	B
[↑]é[↑] o Highland Brigade [↑]que[↑] vai	é o Highland Brigade que <i>vem</i>

A situação 3.2, por sua vez, compreende todas aquelas ocorrências em que B não só descartava alguma variante autógrafa de A como, além disso, incorporava uma novidade, evidentemente não registrada. Essa hipótese, contudo, foi *em parte* derrubada pela chegada da exígua – porém importante – amostragem do testemunho A'. Digamos “em parte” porque essa amostragem limitada não nos permite cravar que todas as nossas questões sejam respondidas por A', uma vez que, virtualmente, o acesso a outros fôlios de A' podem porventura desmentir as convicções colocadas por esse testemunho.

Ainda assim, a inserção de A' em nossa edição crítica nos leva a uma reconfiguração das situações das variantes, em particular das chamadas “invisíveis”, que encontram respaldo na etapa intermediária representada pelo novo testemunho. De modo que agora temos:

¹ Para a transcrição das variantes e das operações editoriais, adotamos a nomenclatura clássica utilizada pela “equipa Pessoa” na edição crítico-genética da obra de Ricardo Reis (CASTRO, 1990), acrescentando em alguns casos ligeiras variações, como o tachado para indicar a supressão de uma palavra (~~vêm~~ em vez de <vêm>, por exemplo).

- 1) Quando A não apresenta variantes em relação a A' e, por conseguinte, em relação a B;
- 2) Quando A apresenta variantes em relação a A' e, por conseguinte, em relação a B;
 - 1.1. com a presença de variantes manifestas (emendas manuscritas)
 - 1.1.1. apenas em A;
 - 1.1.2. apenas em A';
 - 1.1.3. tanto em A quanto em A';
 - 1.2. sem a presença de variantes manifestas (“emendas invisíveis”).

A primeira conclusão que podemos tirar dessa edição (A + A' + B) é que, pelo menos no que toca à primeira página, todas as emendas que B misteriosamente não acatava de A são explicadas por A'. Do ponto de vista da economia de variantes, com o objetivo de simplificar, temos que $A' = B$, do que se entende que B obedece ao texto estabelecido por A' que, por sua vez, é uma cópia passada a limpo de A com poucas emendas.

O que muda, no entanto, norteadando a configuração dessas novas situações, é a presença ou não de emendas manifestas (com a persistência de emendas invisíveis em alguns casos) e, no caso de apresentarem-se manifestas, o lugar onde essas emendas ocorrem, isto é, seu lugar-crítico (em A, A' ou em ambos testemunhos). As transcrições a seguir ilustram com precisão essa nova perspectiva:

QUADRO 2 – Situações para as variantes: testemunhos A x A' x B

Situação 2.1.1 (ocorrência de emendas apenas em A)		
A	A'	B
as águas do rio vêm [↑] correm[↑] turvas de barro	as águas do rio correm turvas de barro	as águas do rio correm turvas de barro
Situação 2.1.2 (ocorrência de emendas apenas em A')		
A	A'	B
Plata, Montevideo, Santos	Plata, Montevide <u>o</u> , Santos	Plata, Montevide <u>u</u> , Santos
casas térreas feita	casas térreas feita [↑] construída[↑]	casas térreas construída
Situação 2.1.3 (ocorrência de emendas em A e A')		
A	A'	B
agora [↑]vem[↑] entrando o Tejo	agora vem [↑]vai[↑] entrando o Tejo	agora vai entrando o Tejo
nos [↑]em seus[↑] arranjos interiores	em -seus [↑]nos[↑] arranjos interiores	nos arranjos interiores
Situação 2.2 (ausência de variantes manifestas)		
A	A'	B
consolo [↑] para [↑] de velhos	paraíso de velhos	paraíso de velhos

Em que se pese a luz lançada sobre as emendas invisíveis de nossa edição crítica pela inclusão de A', nota-se que a persistência de uma emenda silenciosa – que responde pela situação 2.2 – só reforça nossa prudência diante das respostas oferecidas por A'. Ali onde o termo “consolo” é sumariamente substituído por “paraíso”, sem emendas autógrafas nem qualquer tipo de rasura, seja em A ou em A', temos uma operação editorial que sinaliza uma alteração *on the fly*, prova de que A' se trata de uma cópia feita provavelmente pelo próprio autor que, tendo A ao lado, resolveu, durante a digitação, que melhor seria grafar “paraíso” em vez de “consolo”. Esse tipo de *emenda imediata*, realizada no ato, difere das *emendas mediatas*, nas quais o autor empreende uma campanha de revisão algum tempo depois de ter escrito, normalmente de

caneta ou lápis em punho, com olhos de leitor/revisor, passado o calor do momento da escrita, por assim dizer.

Uma outra hipótese, porém, e que não pode ser descartada, é a suposta existência de um outro testemunho entre A e A', que poderia trazer ainda uma outra etapa da cadeia genética onde fosse possível encontrar o vocábulo “consolo” tachado e a variante “paraíso” registrada. Nesse sentido, para corroborar ou refutar essa possibilidade, ainda que remota, viria a calhar o acesso a outras páginas do testemunho A', nas quais pudéssemos descobrir a persistência de outras emendas silenciosas a ponto de termos uma amostragem suficiente delas que colocasse em xeque seu caráter tão somente de emendas imediatas.

Como se vê, o trabalho da Crítica Genética não é desprovido de percalços, pautando-se pelos documentos disponíveis e com seu avanço atrelado, em boa medida, à vontade dos detentores dos espólios e de suas agendas; ou, o que é mais comum, limitado à natureza lacunar desses originais, que só se permitem perscrutar naquilo que possuem de rasura ou variação, através de marcas autógrafas nem sempre abundantes.

Em nosso caso, diante das questões colocadas pelos originais de *O ano da morte de Ricardo Reis*, o rigor com o manejo dessas lacunas, isolando-as sob a forma de variáveis – como o fizemos ao batizar as emendas inexplicáveis, num primeiro momento, de “invisíveis” ou “silenciosas” –, nos pode auxiliar a prosseguir com nossas pesquisas de maneira que, à medida que mais informações sejam acessadas, essas mesmas variáveis sejam equacionadas ou, pelo menos, abram novas frentes de investigação, ensejando novas hipóteses.

Referências

BEIJO, M. A metalinguagem e a intertextualidade entre Fernando Pessoa e José Saramago em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. *Revista Multidisciplinar da Uniesp*, Presidente Prudente, n. 7, p.74-90, 2009.

CASTRO, I. *Editar Pessoa*. Lisboa: Impr. Nacional-Casa da Moeda, 1990. v. 1.

GRÉSILLON, A. *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS: 2007.

ROANI, G. L. *No limiar do texto: literatura e história em José Saramago*. São Paulo: Annablume, 2002.

SARAMAGO, J. *O ano da morte de Ricardo Reis*. Lisboa: Editorial Caminho, 1984.

SARAMAGO, J. *O ano da morte de Ricardo Reis: materiais preparatórios*. [Lisboa]: [s.n.], [1983]. Disponível em: <<http://purl.pt/13867/1/morte-ricardo-reis.html>>. Acesso em: 26 set. 2017.

SCHWARTZ, A. *O abismo invertido: Pessoa, Borges e a inquietude do romance em O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago. São Paulo: Globo, 2004.

SPAGGIARI, B.; PERUGI, M. *Fundamentos da Crítica Textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

Recebido em: 4 de outubro de 2017.

Aprovado em: 15 de fevereiro de 2018.